



ANÁLISE DA ARTE INDÍGENA DA ETNIA POTIGUARA E SUAS COLABORAÇÕES PARA O DESIGN

Analysis of the indigenous art of the potiguara ethnicity and its collaborations for the design

Pereira, Erika Danielly Florêncio; Mestranda em Design; Universidade Federal de Campina Grande; florenciodanielly@gmail.com¹
Wanderley, Ingrid Moura; Dra; Universidade Federal de Campina Grande, ingridmwy@gmail.com²

Resumo: A etnia Potiguara resistiu às interferências culturais no decorrer de sua história e continua dando continuidade as suas práticas, entre elas o ritual do Toré, momento sagrado que conecta o índio as suas crenças. Esta pesquisa busca compreender como se configura o processo de criação dos artefatos desta comunidade e se estes procedimentos podem contribuir para o design de produtos.

Palavras chave: Etnia Potiguara; Toré; Artefatos.

Abstract: The Potiguara ethnicity resisted the cultural interferences in the course of their history and they continue to continue their practices, among them the ritual of the Toré, sacred moment that connects the Indian to their beliefs. This research seeks to understand how the process of creating the artifacts of this community is configured and whether these procedures can contribute to the design of products.

Keywords: Ethnic Potiguara; Toré Artifacts.

Introdução

Os índios Potiguara residem no Litoral Norte do estado da Paraíba e subdividem-se em trinta e três aldeias que estão distribuídas em três municípios: Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição, sua população conta com aproximadamente 20.000 habitantes (BARCELLOS; FARIAS, 2014).

¹ Designer; Mestranda em Design pela Universidade Federal de Campina Grande.

² Designer; Pesquisadora; Professora visitante do Programa de Pós-graduação em Design da Unidade Acadêmica de Design da Universidade Federal de Campina Grande.





A configuração social do grupo reconhece a liderança do cacique geral e cada aldeia possui um cacique local, ambos são escolhidos e fiscalizados pela comunidade. De acordo com Andrade *et al.* (2012) além do cacique, o pajé é uma liderança respeitada pelo grupo e detém os saberes ancestrais referentes ao campo espiritual.

A história desta etnia traz consigo um longo período de aculturação³ que ocorreu desde a colonização e se estendeu posteriormente na história indígena. A etnia Potiguara foi marcada por inúmeras batalhas e lutas fundiárias, com a chegada dos colonizadores a comunidade sofreu exploração das suas terras. Nas batalhas houve a dizimação da população indígena e o modo de vida do grupo foi alterado. A interferência dos europeus teve como objetivo a apropriação do território e dos bens naturais, além da imposição de novos hábitos e ideologias dentro do grupo para facilitar o domínio do território. Segundo Barcellos e Farias (2014) os índios foram tratados como escravos, pois sob a visão dos exploradores eles não tinham autonomia nem organização social, jurídica ou política para reger seu território.

Na década de 1920 os Potiguara sofreram outra grande interferência cultural, foi instalada na área indígena a Companhia de Tecidos de Rio Tinto (CTRT). O empreendimento do grupo Lundgren que já atuava na cidade de Paulista no estado de Pernambuco, chegou à cidade de Rio Tinto e iniciou a construção da fábrica têxtil e da vila operária. Para a expansão da CTRT, foi adquirida parte da área indígena, Sousa *et al.* (2012) afirma que a aldeia de Monte-Mór foi tomada e os índios foram forçados a vender seus lotes aos proprietários para construção das dependências da fábrica.

A Companhia de Tecidos trouxe benefícios para a região. De acordo com Vale (2008), a construção do complexo industrial movimentou a economia e modificou a configuração social e cultural de toda a região do Vale do

³ Segundo Laraia (1986, p. 96) “[...] é o resultado do contato de um sistema cultural com um outro [...]”.



Mamanguape. O desenvolvimento local proporcionou oportunidades de trabalhos para os moradores locais, incluindo os índios Potiguara. Contudo, durante a vigência desta oligarquia, a comunidade foi proibida de se afirmar como indígena. Segundo Barcellos e Farias (2014) esta fase de intensa repressão marcou negativamente a história do grupo, que sofreu torturas e execuções praticadas pelos vigias e capatazes do coronel Frederico Lundgren.

Com as crises econômicas na indústria têxtil e a perda de mercado na década de sessenta a CTRT entrou em declínio, levando os Lundgrens a venderem gradativamente suas propriedades para os produtores de cana-de-açúcar, que deram continuidade ao processo de aculturação do povo Potiguara e a exploração das terras.

A interferência de outras culturas e as batalhas enfrentadas durante a trajetória da etnia fortaleceu a comunidade Potiguara, que mesmo diante dos obstáculos permaneceu no mesmo território. A resiliência da população indígena fortaleceu o grupo que busca até os dias de hoje reafirmar suas práticas culturais e repassar seus conhecimentos milenares para as novas gerações. Em seu momento atual, a etnia Potiguara protagoniza um período de conquistas, pois tem se articulado nas políticas públicas e adquirido espaço para reafirmar sua identidade étnica diante do cenário nacional.

Este artigo busca acompanhar como se configura o processo de criação dos artefatos indígenas e se estes procedimentos podem contribuir para o design de produtos. No que diz respeito à investigação dos artefatos utilizados pelos Potiguara, o que está sob análise para além da sua materialidade e técnicas, são suas representações simbólicas e estéticas que definem suas criações artísticas como contribuição para o design.

A pesquisa se encontra em fase inicial, como procedimento se faz uso do levantamento bibliográfico e do método de pesquisa de campo, que já se encontra em andamento, utilizando a estratégia da etnografia empregada como tática de observação. Foram realizadas visitas dentro do território, os dados



obtidos estão em processo de análise e algumas imagens ainda não podem ser publicadas. Como recurso de análise foi feito rascunhos de observação, com anotações e croquis de artefatos.

A hipótese desta pesquisa considera que mesmo após os processos de aculturação e os efeitos da globalização, a etnia resguarda saberes provenientes da sua resistência cultural e detém valores específicos na sua criação artística.

Toré

O Toré Potiguara é o principal rito da etnia, é realizado nas comemorações dentro e fora das aldeias. Segundo Nascimento *et al.* (2012, p. 43) o ritual “[...] é praticado nas festas religiosas ou sociais, na alegria, na tristeza e na luta tendo todo um enfoque político-social-religioso”.

Esta dança se configura em rotações com sentido horário, enquanto executam os movimentos cantam e tocam músicas autorais escritas por seus antepassados e também pelos componentes indígenas que possuem a aptidão para compor novas letras. As canções entoadas durante o ritual, narram as histórias e lutas da etnia e enaltecem suas divindades, este é um momento sagrado que aproxima o índio das suas raízes culturais. A importância do ritual para o fortalecimento do grupo é descrita por Nascimento *et al.* (2012, p. 127):

Trata-se de um ritual que marca ritmicamente o dia-a-dia, os tempos, as estações, os lugares, cada pessoa na aldeia. Dentro da cultura Potiguara o ritual cria um campo simbólico que possibilita fomentar valores e estabelecer relações. De forma que tem a finalidade de fortalecer o ser indígena ou a comunidade no seu habitat, na sua práxis, possibilitando encontrar-se, criar e recriar seus costumes, paixões, hábitos e valores.

A devoção dos indígenas durante o ritual é evidenciada em seus artefatos e na sua indumentária, em que há uma exposição dos elementos visuais que caracterizam o índio, cada membro do grupo utiliza o traje específico para este evento, usam adornos, pintam seus corpos e tocam



instrumentos musicais. A confecção destes produtos é realizada com antecedência, a dedicação e apreço é uma característica presente durante as etapas de produção, alguns adereços precisam de um tempo maior de preparação, como é o caso da saia que compõe o traje.

“A confecção da saia ocorre com a extração da ante casca do pau de jangada⁴, encontrada nas margens dos terrenos alagadiços e úmidos. Na etapa seguinte, o material é colocado de molho na cacimba para maturar, se for durante o tempo de seca, durante 15 dias; se for tempo de inverno, o período chega aos 30 dias [...]”. (NASCIMENTO *et al.*, 2012, p. 15).

Durante a preparação para o Toré, os filhos acompanham os pais em cada etapa, desde a coleta da matéria prima para produzir os artefatos, até sua confecção. Este elo entre o índio e a natureza é repassado para as crianças, que desde cedo desenvolvem uma devoção pelos elementos sagrados do universo indígena.

O Toré significa para o indígena a conexão com as suas raízes, mesmo em meio ao avanço da globalização e as interferências culturais, os índios Potiguara permanecem praticando este ritual. Os índios Potiguara estão inseridos na sociedade, valorizam a formação superior e possuem representantes nas universidades de todo Brasil. Quando visitantes conhecem as aldeias é comum alguns questionamentos, perguntam sobre o modo de vida e a presença de tecnologias dentro da área indígena, isto ocorre pela falta de conhecimento das pessoas em relação a realidade indígena.

Na história do Brasil, a imagem do índio está relacionada a um ser selvagem, que vive nas matas e sobrevive da caça e da pesca, esta caricatura ainda permanece no imaginário de muitas pessoas. Atualmente o movimento indígena luta pelo reconhecimento do seu papel na história. Conforme Andrade *et al.* (2012) um avanço significativo ocorreu na área da educação, quando a Lei nº 11. 645, de 2008 tornou obrigatório nas escolas de educação básica o

⁴ Árvore da família das Tiliáceas, cuja madeira é própria para a construção de jangadas.



estudo dos grupos étnicos e sua contribuição na formação da sociedade nacional.

Ao contrário do que é mostrado em algumas imagens, o índio não possui características físicas que o diferencie das demais pessoas, portanto, há os momentos em que sua identidade é visualmente apresentada. Para a etnia Potiguara, o Toré simboliza representação do que é ser índio, este rito fortalece e uni o grupo. Segundo Barcellos (2012, p. 282) “o Toré é uma das principais práticas religiosas [...]”, este ato, diante de sua relevância perante a etnia estudada, expõe em sua mais nítida forma a essência Potiguara.

Arte indígena

O Brasil é rico em diversidade e os povos que habitam suas terras, produzem objetos que possuem uma linguagem característica de cada região, estes artefatos são desenvolvidos a partir dos seus conhecimentos e do ambiente ao qual está inserido. Neste estudo estamos considerando a arte como objeto de comunicação, de acordo com Araújo e Oliveira (2015, p. 194) “a arte assume papel fundamental na sociedade, pois sendo linguagem é um instrumento com o qual o ser humano se comunica e representa de diversas maneiras a realidade a sua volta”. As habilidades manuais do índio foram adquiridas dos seus antepassados e estes saberes milenares estão presentes em suas produções manuais, deste modo, compreendemos que “a arte é criação, é invenção. Está diretamente relacionada à produção essencialmente humana”. (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2015, p. 196)

A arte Potiguara relata os caminhos que foram trilhados e a resiliência da comunidade, que busca a valorização da sua cultura e sua reafirmação como povo originário. A etnia produz uma vasta categoria de artefatos, desenvolvem adornos corporais, vestuário típico, instrumentos musicais, objetos de decoração e utilitários, entre outros. Para a fabricação são utilizados materiais naturais que são descartados de forma espontânea pela natureza,

pois faz parte das diretrizes da comunidade o respeito ao meio ambiente e esta ligação entre o índio e os bens naturais está impressa na criação dos seus produtos (Figura 01).

Figura 1: Artefatos desenvolvidos pela etnia Potiguara.



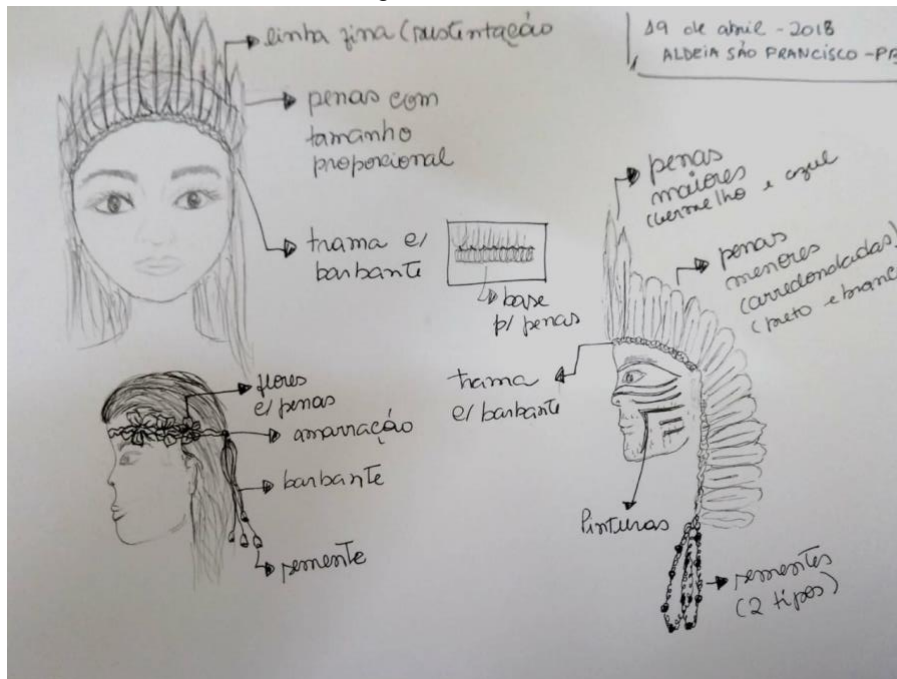
Fonte: Erika Danielly Florêncio, 2018

Nas aldeias dos três municípios em que se distribuem a comunidade Potiguara, há escolas indígenas, elas se diferenciam das demais por incluir em sua grade curricular as disciplinas da língua Tupi, língua materna da etnia. Os Potiguara são falantes da língua portuguesa, mas há um incentivo para o resgate do Tupi dentro a etnia, estas aulas são ministradas pelos professores Potiguara com formação e especialização na área. Outras disciplinas relacionadas à história indígena são ministradas, além do ensino da arte indígena por meio de oficinas que ocorrem dentro das escolas. Esta atividade ocorre com o objetivo de desenvolver a criatividade dos alunos, durante as oficinas, os artesãos explicam sobre as etapas de produção, escolha de materiais e acabamento da peça, estimulando as crianças a colecionarem sementes, penas e outros tipos de matéria prima (NASCIMENTO *et al.*, 2012).

Os artefatos são produzidos com a matéria prima encontrada na região, mas algumas sementes e penas estão em escassez. Durante os eventos em que a etnia Potiguara se encontra com outras etnias, é realizado o escambo e a compra de materiais para produção do artesanato. Os artesãos que dependem da venda dos artefatos expõem seus produtos em suas casas, onde fazem um pequeno ponto comercial, ou vendem em eventos e exposições.

Há uma variedade de artefatos produzidos pela etnia, o cocar é utilizado durante o ritual Toré, nos eventos sociais e nas plenárias dentro das aldeias e reuniões políticas. Este artefato possui modelos diferentes, cada artesão desenvolve a peça de acordo com os materiais que possuem no momento da produção, as técnicas utilizadas possuem variações. Durante a pesquisa de campo na aldeia São Francisco foi observado os modelos e usos do cocar e a aplicação dos materiais, esta análise resultou no rascunho da figura 2.

Figura 2: Cocár





Fonte: Erika Danielly Florêncio, 2018

Foi observado que o cocar utilizado pelos caciques homens tem um maior comprimento, e as penas são diferenciadas. A pesquisa pretende aprofundar este estudo para buscar qual a relação do cocar com o usuário e seus significados.

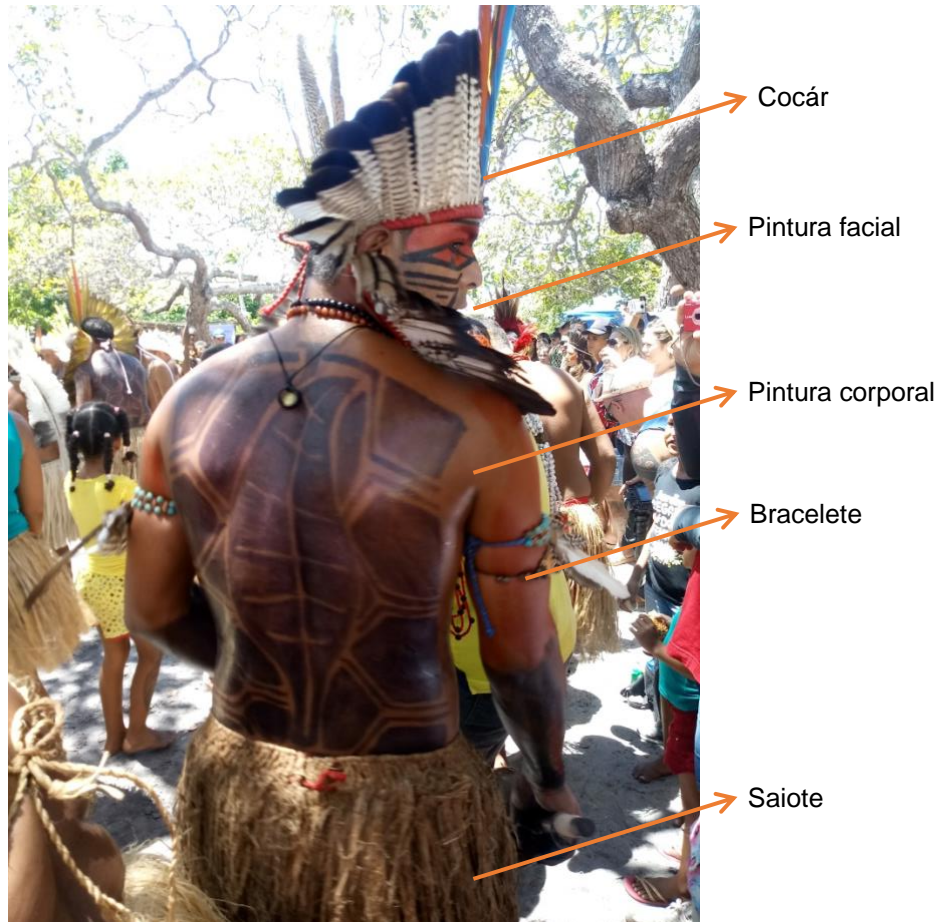
Pinturas indígenas

O ato de pintar o corpo representa uma marca para os povos indígenas, cada etnia possui uma simbologia, segundo Barcellos (2012) estes grafismos são representados pelos Potiguara de forma espontânea e cada índio tem liberdade de criação e recriação nos seus traços. As pinturas corporais conferem atributos para seus participantes e podem ser entendidas como elementos identitários, reforçando a condição de ser índio. Os indígenas se revestem da pintura no ritual do Toré e também nos momentos de reivindicações políticas e eventos (BARCELLOS; FARIAS, 2014).

As tintas utilizadas são feitas pelos próprios indígenas. Eles extraem do urucum a coloração vermelha e do jenipapo a cor preta, estes frutos são encontrados em abundância na região. Ainda segundo Barcellos (2012) há várias maneiras de preparar a tinta, podendo ser cozinhada ou misturada com álcool ou mel, estes procedimentos ajudam a fixação do pigmento, no caso do jenipapo, a pintura fica em média de 15 dias na pele, sem perder a coloração.

Nas aldeias há artesãos com aptidão para a pintura corporal, que são reconhecidos e valorizados dentro do grupo, reproduzindo os grafismos nos demais participantes e também nos apreciadores da arte indígena.

Figura 3: Pinturas e adornos



Fonte: Erika Danielly Florêncio, 2018

Na figura 3 há uma exposição de adornos e a pintura, que pode ser feita em qualquer parte do corpo. Os grafismos possuem significados que estão relacionados com os antepassados, a comunicação dessa arte na pele do índio representa o orgulho em pertencer a sua comunidade.

Considerações Finais

A pesquisa sobre a etnia Potiguara e sua resistência cultural mediante as interferências que sofreu no decorrer da sua história é objeto de estudo de



diversas áreas. Analisar os artefatos permite um entendimento sobre a história de um povo e sua identidade cultural. Os índios Potiguara resguardam saberes milenares e os aplicam na sua produção material, portanto, compreendemos que pensar essa temática através do design poderá contribuir para a ampliação de conhecimentos sobre o processo de criação desta comunidade tradicional e sua relação com o artefato. Até o presente momento não há estudos que aproximem o design dos artefatos Potiguara, é neste recorte que esta pesquisa pretende atuar, buscando entender o modo de pensar dos artesãos Potiguara e se estes procedimentos podem contribuir no processo de desenvolvimento de produtos.

Referências

ARAÚJO, Gustavo Cunha de; OLIVEIRA, Ana Arlinda de. Sobre o conceito de arte e a formação escolar na educação de jovens e adultos. **Revista HISTEDR on-line**, Campinas, n. 63, p. 189-2009, jun. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8641178/8685>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

ANDRADE, Tânia Maria de (Org). **Povos Indígenas da Paraíba**. João Pessoa: Editora Grafset, 2012.

BARCELLOS, Lusival. **Práticas educativo-religiosa dos POTIGUARA da Paraíba**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

BARCELLOS, Lusival; FARIAS, Eliane. Os indígenas da Paraíba. In. FLORES, Elio Chaves. *Diversidade Paraíba: indígenas, religiões afro-brasileiras, quilombolas, ciganos*. João Pessoa: Editora Grafset, 2014. p. 11-48.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

NASCIMENTO, José Mateus do (Org). **Etnoeducação Potiguara: Pedagogia da existência e das tradições**. João Pessoa: Ideia, 2012.

PAU DE JANGADA. Dicionário informal, 26 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/pau-de-jangada/>>. Acesso em: 26 jul. 2018.



SOLER, Juan; BARCELLOS, Lusival. **Paraíba Potiguara**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012.

VALE, Eltern Campina. **Tecendo fios, fazendo história**: a atuação operária na cidade-fábrica Rio Tinto (Paraíba, 1959-1964). 2008. 225 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

